

**VICENTE**

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

---

Osório Mateus  
CORTES

---

**Quimera**

LISBOA 1988 | e-book 2005



*A tragicomédia seguinte foi feita ao muito alto e poderoso rei dom Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, à partida da ilustríssima senhora ifante dona Breatiz duquesa de Sabóia, da qual sua invenção é que o senhor Deos querendo fazer mercê à dita senhora mandou sua Providência por messageira a Jupiter rei dos elementos que fizesse cortes em que se concertassem planetas e sinos em favor de sua viagem. Foi representada nos paços da Ribeira na cidade de Lisboa. Era de 1521.*

1562, *Copilçam de totalas obras de Gil Vicente*, 165-169<sup>o</sup>

Na noite de domingo 4 de Agosto de 1521, véspera do embarque da segunda filha do rei, casada por procuração desde a Pascoela com o duque Carlos III de Sabóia, Vicente organiza uma representação festiva, que é a expressão teatral dos ritos de despedida, e desejo de boa viagem. É o último auto manuelino: uso a palavra como nome de um sistema de patrocínio, não como nome de estilo.

Breatiz é por destino esposa melancólica, mas o casamento e a partida são ocasiões de festas em Lisboa, de que ficou memória escrita de alegria.

Em Dezembro, Vicente recorda no *Romance à morte do muito alto e esclarecido rei dom Manuel*:

*oh quem viu as alegrias  
daquelas naves tam belas  
belas e poderosas velas  
agora há tam poucos dias  
pera ir a ifante nelas.*

254a

Garcia de Resende escreveu um relato em prosa do acontecimento – *Ida da infanta dona Breatiz pera Sabóia*. Dá conta das longas negociações políticas que tinham levado cinco anos a concluir-se, dos termos dos contratos, das festas do casamento *per palavras de presente*, das febres da desposada que atrasaram quinze dias a partida, das intermináveis despedidas, da frota dos dezoito navios que foram a Sabóia e seus principais ocupantes.

Na relação do acontecido na última noite que Breatiz dorme no paço da Ribeira, inclui-se um dos raros testemunhos contemporâneos do trabalho teatral de Vicente. Há informações sobre a existência de uma comédia no fim da sequência programada para o serão, sobre o espaço onde se faz.

O ponto de vista de Resende é o de quem não dançou. E não refere o nome do autor da comédia.

Leio pela edição de 1622:

*em ãa mui grande sala armada toda de mui rica tapeçaria d'ouro, e muito bem alcatifada, dorsel, cadeiras e almofadas de mui rico brocado, se começou um grande serão, em que el rei nosso senhor dançou com a senhora infante duquesa sua filha, e a rainha nossa*

*senhora com a infante dona Isabel, o príncipe nosso senhor e o senhor infante dom Luís com damas que tomaram. E assi dançaram todos os galantes que iam a Sabóia, e muitos outros senhores e galantes, que durou muito.*

*E as danças acabadas se começou ùa muito boa, e muito bem feita comédia de muitas figuras muito bem ataviadas, e muito naturais, feita e representada ao casamento e partida da senhora infante, cousa muito bem ordenada e bem a propósito, e com ela acabada se acabou o serão.*

*Cortes de Jupiter*, a comédia que Vicente faz representar em Agosto de 1521, pertence a uma série de objectos de modelo circunstancial e alegórico em que o teatro celebra, articula, (de)termina uma festa da corte. Desta vez, de despedidas que podem ser para nunca mais. O teatro não se faz a contar uma narrativa, mas a descrever uma sequência de homenagens.

*Exortação da Guerra*, sete ou oito anos anterior, é o primeiro auto deste modelo e está já nele o motivo das ficções que vão construir *Cortes*. Policena profetiza à infanta mais velha:

*por vós mui fermosa flor  
ifante dona Isabel  
foram juntos em torpel  
per mandado do senhor  
o céu e sua companha.  
e mandou Jupiter juiz  
que fosseis emperatriz  
de Castela e Alemanha*

158a

O assunto do julgado de Jupiter, a *companha* do céu e a formação em *torpel* são as linhas mestras do novo auto.

*Cortes* é anterior à carta que serve de prólogo a edições de *Duardos*, em que Vicente se põe ao serviço do novo rei (João III) e classifica o trabalho teatral já feito: *comédias, farsas, moralidades*. Dentro desta categorização, *Cortes* seria *comédia*, o que coincide com a designação utilizada por Resende: *muito boa, e muito bem feita comédia*.

A representação começa com a entrada e a fala de uma figura que se identifica verbalmente desde o primeiro verso que lhe cabe. É a Providência, alegoria do poder divino.

A *Copilaçam* de 1562 diz o efeito produzido – *figura de princesa* – mas não refere todos os materiais utilizados. A rubrica só especifica que a Providência traz na mão / nas mãos as insígnias que as representações iconográficas acrescentam à imagem do rei: uma esfera e um cetro.

165a

*Entrou logo a Providência em figura de princesa com espera e cetro na mão, e diz:*

*. Eu Providência chamada*

*provedora do presente  
no porvir antecipada  
sam por Deos ora enviada  
polas orações da gente*

As orações são pela viagem de Breatiz: *esta divina jóia*, em metáfora de joalheria.

Os versos representam um painel oral de preces em que participam todos os estados sociais. É a imagem da globalidade por enumeração, que houve no teatro anterior de Vicente por sucessões de corpos. Aqui é desfile de nomes: *até moços e meninos*. Preenche a fala da Providência, mas poderia ser projecto para todo um auto novo.

*rogam per toda Sabóia  
e nos reinos onde estais  
por esta deosa de Tróia  
por esta divina jóia  
que agora lh'enviais*

*é de tantos e de tantas  
o meu Deos tam requerido  
dos anjos santos e santas  
e todos com preces tantas  
que nam tem conto sabido.  
reis rainhas e donzelas  
e muitos por esta estrela  
rogam a seu senhor delas  
nosso Deos que vá com ela  
coma estrela antr'as estrelas*

*sobre o qual todos pastores  
leixam sem pasto as manadas  
e se fazem oradores  
em oferta dando flores  
e suas pobres soldadas.  
bispos frades e beguinos  
e monjas de Jesu Cristo  
até moços e meninos  
de juelhos pedem isto  
humilhados e continos*

165b

*que ele muito a seu prazer  
a leve a salvamento*

Para a viagem ser como Deus quer, a Providência vai convocar Jupiter, nomeado rei do mar, dos ventos, dos signos.

A figura vem à cena pela segunda vez no teatro de Vicente, que já a integrou

num auto de Natal: *Quatro Tempos*. Anoto que o nome é palavra oxítone e que a *Copilaçam* chega a grafar *Jupiter* (165d32).

*e pera isto haver de ser  
Jupiter há-de fazer  
cortes logo em um momento.  
porque Deos me deu a mi  
que o fizesse rei do mar  
e dos ventos outrossi  
e dos sinos venha aqui  
pera logo começar.*

*Vem Jupiter e diz:*

*. Eis-me aqui alta senhora  
que quer vossa majestade?*

A resposta da Providência é o programa do que o auto vai ser: representação do mundo, por ordens e símbolos, desfile musicado de entidades elementares e mitológicas, convocadas a cortes para se concertarem em favor da viagem da *bela desposada*.

Caso raro no trabalho poético de Vicente: em momentos muito próximos, o mesmo sintagma repete-se, e atribuído a duas figuras diferentes. *divina jóia*, metáfora da joalheria, é o que Jupiter vai chamar à Providência.

Esta saúda-o assim:

*. Nobre rei venhais embora  
cumpre que façais ness'ora  
cortes com solenidade.*

Jupiter . *Sobre quê divina jóia?*  
Providência . *Porque vai ãa princesa  
alta ifante portuguesa  
duquesa pera Sabóia.*

Jupiter . *Por muito seu bem será  
e vida do coração.*

Providência . *O senhor a levará  
tanto prazer lhe dará  
como lhe deu perfeição*

A continuação da fala pode ter sofrido o acidente de ser projectada para um momento do ano sob o signo de Cancer, *exaltação* de Jupiter, e de só mais tarde ser proferida, perdendo-se assim unidades pertinentes do programa. Aquando da representação, a presença de Jupiter como eixo geral da construção teria perdido partes do pretexto. Recordo que as *febres* de Breatiz atrasaram quinze dias a partida.

A ameaça dos ventos do Sul é tópica aleatória, mais tarde retomada: *O Sul há mester atado / c'os doudos no espirital.*

*sobi a vossa exaltação  
e mandai chamar o mar  
e mandai pôr em prisão  
os ventos de meredião  
que empedem seu navegar*

165c

*e venha a Lũa dourada  
o Sol e Vénus causando  
que a linda desposada  
nam caminhe esta jornada  
com saudade sospirando.  
manda Deos que vá folgando  
per esses mares de Tróia  
fazei-lhe o mar muito brando  
e nam se catará quando  
se verá dentro em Sabóia*

*a hora de partir se vem  
fazei cortes logo ess'ora.*

*Jupiter . Elas se farão mui bem  
pois que nosso senhor tem  
cuidado dessa senhora.*

Foi o anúncio de metade do que está para vir do auto, e houve os nomes das figuras zodiacais que vão ser representadas: Lũa, Sol, Vénus.

Instalaram-se verbalmente as cortes dos deuses, concílio em redondilha, com figura planetária e portuguesa. Mas, na imagem de Vicente, os deuses são os astros: os *planetas*, as *estrelas*, já ligados à figura de Breatiz num auto anterior: *Fadas*.

A Providência tem a sua última fala no auto:

*. Eu vou prover logo ess'ora  
naquela casa dozena  
dos males que é malfeitora  
ainda que tudo adora  
aquilo que Deos ordena.*

*Vai-se a Providência.*

Para além da função expositiva e prologal da figura, há outro aspecto que merece atenção. A Providência é divina e a tópica constante da abertura do auto é a de que *Deos é superior*. É acesso ortodoxo à possibilidade de fingimento de deuses que ali vão dizer que Deus existe, e até por ele juram.

*Entram os quatro Ventos em figura de trombeteiros, e diz Jupiter:*

*. I logo dizer ao Mar*

*que faço cortes agora  
e que eu o mando chamar.*  
Sul . *Cumpre-nos bem de ventar  
pera ele saltar cá fora.*

É a primeira sequência musical da comédia, segundo a edição de 1562. Mas pode já ter havido música, em sinal de abertura, naquela sala onde, antes, se esteve a dançar.

A música instrumental representa o som que chama o Mar.

*Tocam os Ventos suas trombetas, e vem o Mar muito forioso, e diz a Jupiter:*

*. Pardeos grande farnesia  
me dão vossas forças belas  
que muito bem merecia  
mandardes messajaria  
polas vossas sete estrelas*

*ou por um rio dos meus* 165d  
*ou polo meu maior pego  
ou polos montes Perineus  
e nam por quatro sandeus  
que são contra meu sossego.*

Jupiter . *Muito bravo vem o Mar.*  
Mar . *Vós nam sois minha senhora  
a Lũa que m'há-de mandar.*

Jupiter . *Eu te farei amansar  
pola tua superiora*

*ide ventos à mui bela  
Lũa Diana fermosa  
dizei que a mais bela qu'ela  
está pera ir à vela  
destes reinos poderosa.  
venha às cortes aqui  
o Sol e Vénus e ela  
e tu Mar nam te vás d'i.*

Mar . *Venha a senhora de mi  
u'eu m'entenderei com ela.*

Foram nomeados os planetas musicais que virão com a Lũa *dourada*, senhora do Mar.

O tempo de ausência dos Ventos é preenchido por uma fala de Jupiter, que recapitula a sequência dos quatro elementos, um dos modelos da construção do auto:

*. Tudo se há-de concertar  
nestas cortes que fazemos  
o céu e a terra e o mar  
e os ventos te hão-d'amansar  
pera ser o que queremos.*

*Vem o Sol e a Lũa bailando ao som das trombetas dos Ventos, e com  
eles Vénus,*

A seguir à dança do par de figuras novas, que tem um modo e uma duração, o primeiro planeta que fala opõe *orbe* e *mundo*:

*e diz o Sol:*

*. Oh caso pera espantar  
que é isto Jupiter  
a que nos mandais chamar  
quer-se o orbe renovar  
ou torna-se o mundo a fazer?*

Jupiter responde e faz reaparecer a tópica de outra superioridade divina.

*. Mas é um caso profundo  
e de tanta preminência  
que Deos com rosto jocundo  
como se fizesse um mundo  
manda poer diligência*

O elogio obrigado de Breatiz acompanha-se de discreta lisonja genealógica da paternidade. O rei vivo de Portugal, presente. O rei morto de Castela, pai da nova rainha, ela também presente.

*vai a serena e altiva  
cujá graça persevera  
contra todo o mal esquiva  
filha do que muito viva  
neta do que não morrera*

166a

*polo qual vós clara Lũa  
concertai vossas marés  
porque em tudo esta é ãa  
que no oriente nenhũa  
tal com'esta nam pôs pés*

Há um intermédio jocoso e animado entre Jupiter e os Ventos que brigam entre si. Dirige-se-lhes o rei dos elementos:

*primeiramente vos digo  
ventos sereis avisados*

*que vão as naus sem perigo.*  
 Sul . *Eu sou Sul falai comigo.*  
  
 Norte . *Senhor eu sou Norte eu.*  
 Nordeste . *Eu sou Nordeste eu sim*  
           *e digo que o Sul é sandeu.*  
 Sul . *Tal siso tens tu com'eu*  
       *falas como vento em fim.*  
 Jupiter . *Tu Norte terás cuidado*  
           *e Noroeste outro tal*  
           *de ventar e com recado.*  
 Norte . *O Sul há mester atado*  
       *c'os doudos no espirital.*  
  
 Noroeste . *Si senhor e o Sudueste*  
           *ele Sueste também*  
           *vente Norte e Nornoroeste*  
           *por que a viagem preste*  
           *e nam vente outrem ninguém.*

Vénus, que no sistema de Vicente é rainha da música (*Regina musicae, secundum Joannes Montereio*) vai ter a sua primeira intervenção.

          . *Oh quem fora agora o mar.*  
 Lũa . *Nunca ele foi tam ditoso.*  
 Sol . *Mais ditoso se há-d'achar*  
       *quando a vir o seu esposo*  
  
       *e dirá como a olhar*  
       *namorado com rezão:*  
       *niña erguédeme los ojos*  
       *que a mí namorado m'han.*

O diálogo breve entre os três planetas fez deslizar o curso do auto para a inserção da primeira das cantigas que vai ter.

Na fala do Sol, como dito atribuído ao duque quando vir Breatiz, está a *cabeza* de uma composição que ali vai ser integralmente cantada.

No *Cancionero musical de los siglos XV y XVI*, editado por Barbieri (Madrid, 1890), há três composições com o mesmo início, todas para três vozes (números 58, 59, 60).

A cantiga indicada com o número 72 no *Cancionero* editado por Romeu Figueras (Barcelona, 1965) pode ter sido a do auto:

          . *No los alcéis desdeñosos*  
           *sino ledos y amorosos*  
           *que mis tormentos penosos*  
           *en verlos descansarán*

*de los muertos hacés vivos  
y de los libres cativos  
no me los alcés esquivos  
qu' en vellos me matarán*

*Este vilancete foi cantado a três vozes, o Sol e Lũa e Vénus, e acabado diz Jupiter:*

166b

*. Pera esta viagem ser  
aquela que Deos ordena  
vós Lũa haveis de fazer  
a o Mar obedecer  
a esta frota serena.*

Na resposta do Sol parece haver a suspeita de que Vénus não esteja a favorecer aquilo que *Deos ordena*.

*. Mande primeiro senhor  
que nam seja retrogada  
Vénus pois sois seu maior  
e Deos que é superior  
favorece a desposada.*

A fala seguinte de Jupiter inicia uma sequência nova na representação, que vai ser a parte maior do auto.

É um longo discurso satírico e laudatório, proferido a quatro vozes – Jupiter, Vénus, Sol, Lũa – em que se processa a verbalização de um cortejo aquático: os circunstantes e demais estados sociais, transformados em peixes e aves, acompanharão a frota *até bem de foz em fora*. O que se representa em cortejo é o mundo da corte, mais a cidade vista daí. A *geralidade* é objecto de volúpia metaforizante a trabalhar em extensão.

Repete-se o modelo de construção do painel de abertura dos humanos em preces pela viagem de Breatiz; *até moços e meninos*. Repete-se o modo enumerativo. Varia a dimensão. É para mais que um corpo.

O auto esquece um pouco o motivo inicial de *Cortes*, embora o cortejo verbal também conserve o aspecto atenuado de proclamação das decisões concertadas.

Desapareceu a expressão do desejo de casamento ditoso. Já só há a viagem à flor do discurso:

Jupiter . *Partirá esta alta esposa  
no ponto de prea mar  
com sua frota lustrosa  
na conjunção mais ditosa  
que lhe podermos guisar  
e ao desferir das velas*

*faremos que vá também  
com todas suas donzelas  
que hajam saudade delas  
e elas nam de ninguém.  
e por mais solenidade  
e sua alteza folgar  
sairão desta cidade  
toda a geralidade  
dos nobres per esse mar*

*não com velas nem com remos  
mas todos feitos pescados  
da feição que aqui diremos  
que em tal caso os extremos  
em extremo são louvados*

O primeiro grupo de figuras é plural e por nomes de estados: desde *cónegos* a *almotacés*. De cada um se diz em que figura de peixe irá tornado. Muitas das metáforas são transparentes e ainda activas: *voadores*, *cavalos*, *tubarões*.

*os cónegos da sé embora  
em figura de toninhas  
irão com esta senhora  
até bem de foz em fora  
por essas ondas marinhas.*

Sol . *E também até Cascais  
irão os vereadores  
feitos rodovalhos tais  
e deles darão mil ais  
e deles dirão amores.*

166c

Vénus . *Também irão frades alguns  
do termo e da cidade.*

Lũa . *Mas nam ficarão nenhuns  
serão ruivos a metade  
os outros serão atuns.*

Vénus . *E todolos corretores  
em figura de robalos.*

Sol . *Juízes e ouvidores  
deles peixes voadores  
e deles peixes cavalos.*

Lũa . *Como irão os estudantes?*

Jupiter . *Feitos barbos de Monção  
e deles em rãs cantantes  
dizendo per consoantes:  
quem nos dera aqui o durão*

*os da moeda irão tornados  
em garoupas de Guiné  
das moreas espantados  
preguntando aos pescados  
cada um que peixe é.*

No modo enumerativo, a fluidez poética de Vicente fica à mostra: em 1937, Vitorino Nemésio aponta o fragmento das *regateiras* feitas *sardinhas* como exemplo de *meia dúzia de direcções que trazem a poesia portuguesa de ... Vicente aos nossos dias*: Cesário Verde.

Vénus . *Sairão as regateiras  
em cardume de sardinhas  
nadando muito ligeiras  
desviadas das carreiras  
por nam topar co'as toninhas.*

Sol . *Irão certos bacharés  
em forma de tubarões.*

Jupiter . *Esses apó'las galés  
e irão almotacés  
convertidos em cações.*

Na zona seguinte começam a aparecer nomes próprios de pessoas vivas, muitas delas espectadores possíveis. A primeira – *Goncelos* – parece ser o mesmo *Concelos* de quem a Ama se queixou na *Índia*:

Vénus . *Jorge de Vasco Goncelos  
num esquife de cortiça  
irá alfenando os cabelos  
por devisa dous novelos  
a letra dirá: ouíça.*

Vem um casal. A referência à esposa termina com a indicação de uma cantiga da época que ela irá cantando.

O processo vai repetir-se mais de uma dezena de vezes. De muitas das cantigas indicadas há música transcrita nos cancioneiros de Barbieri (Madrid, 1890) e Figueras (Barcelona, 1965) e estão identificadas nos trabalhos de Albin Eduard Beau (1936) e Thomas R. Hart (1972). Não sei se a citação da cantiga se faz ou não com arremedo de canto:

Lũa . *Sabeis vós quem irá bem  
em figura de balea?  
Gil Vaz da Cunha porém  
encalhará em Belém  
e dirá: eis-me na area.*

166d

*dona Isabel sua molher  
faremos raia num salto  
e cantar4 ao pratel:  
eu m'era dona Isabel  
agora raia do alto.*

O grupo seguinte 4 an4nimo e ter4 perdido muito do sentido, mas a verbaliza44o ainda 4 intensa:

*ir4o molheres solteiras  
todas nuas trosquiadas  
bem rapadas as moleiras  
carregadas de peneiras  
em senhas sibas sentadas*

O grupo dos cantores tem os nomes comuns dos registos e o nome pr4prio de um m4sico:

Sol . *Ir4o todos os cantores  
contras altas carapaus  
os tiples alcapetores  
enxarrococos os tenores  
contrabaxas bacalhaus*

*com eles Pero do Porto  
em figura de safio  
meo congro deste rio  
cantando mui sem conforto:  
yo me soy Pero Safio.*

*Cumpra atentar como:* O discurso muda de objectos e cabe 4 fala de Jupiter essa inflex4o.

No cortejo verbal v4o participar tamb4m os irm4os de Breatiz, acompanhados poraios. As figuras de linhagem s4o diferentes e o termo de compara44o passa a ser a ave. Os acompanhantes ter4o nome pr4prio, ironia de trato, e transforma44o em peixe:

Jupiter . *Agora cumpre atentar  
como poemas as m4os  
porque 4 rez4o d'ordenar  
como a v4o acompanhar  
o pr4ncipe e seus irm4os.*

L4a . *Em que figuras ir4o?*

V4nus . *Aves me parecem a mi  
que em peixes nam 4 rez4o  
em aves doutra fei44o.*

Jupiter . *Nam h4o-d'ir senam assi:*

A primeira figura é a do príncipe João, o irmão mais velho que tem dezanove anos (n. 1502) e ainda este ano vai ser rei. É cantado na tópica renascentista de ser novo Alexandre.

Breatiz e a Providência foram ambas *divina jóia*. Para o príncipe constrói-se verbalmente um andor de ouro, com sobrecéu de jóias: *obra de lima*. Em 1938 o ourives Ferreira Tomé identificou a expressão como só própria de outro ourives.

*o príncipe nosso senhor  
irá em quatro rocins  
marinhos em um andor  
do ouro que melhor for  
em toda a terra dos chins  
e um sobrecéu per cima  
d'esmeraldas e robis  
lavrado d'obra de lima  
que nam possam dar estima  
a labores tam sotis*

167a

*sua figura será  
um Alexandre segundo  
que sem grifos sobirá  
onde bem devisará  
todalas cousas do mundo.*

Garcia de Resende, *feito peixe tamboril*, acompanha o príncipe.

Outros contemporâneos deixaram memória escrita de Resende: *melão de Agosto, o redondo do Resende, odre de vinho, barril*. Vicente só neste fragmento das *Cortes* o nomeia e faz rimar: *tamboril / arrabil*.

Os cinco versos que lhe dizem respeito parecem, à distância dos séculos, ser de molde a ferir o visado, presente na sala. Mas podem provocar agrado e riso de outros circunstantes.

Anoto que *arrabil* é nome de instrumento musical árabe, e que a posição conferida a Resende é de privilégio. É o primeiro dos servos, o que acompanha o príncipe, como Vénus conta:

*. E Gracia de Resende  
feito peixe tamboril  
e inda que tudo entende  
irá dizendo por ende:  
quem me dera um arrabil.*

A relação entre Resende e Vicente, dois produtores artísticos a trabalharem ao mesmo tempo na corte, tem mais correspondência literária que vale a pena ver de perto.

Resende não diz o nome de Vicente no relato das festas da partida de Breatiz. A omissão é estranha porque o relato muitas vezes se compõe de listas de nomes das pessoas envolvidas. As menções são lisonja áulica e não referir Vicente é dado anômalo. Resende não quis dizer o nome do autor da comédia.

A única menção que Resende faz do seu contemporâneo é na *Miscelânea e Variedade de Histórias*, que escreve no fim da vida, talvez depois da morte de Vicente. É um catálogo dos nomes e sucessos memoráveis e Vicente não podia deixar de figurar. Mas Resende apõe-lhe um labéu.

Leio o fragmento pela edição de 1622:

*e vimos singularmente  
fazer representações  
d'estilo mui eloquente  
de mui novas invenções  
e feitas por Gil Vicente.  
ele foi o que inventou  
isto cá e o usou  
com mais graça e mais doutrina  
posto que Juan del Encina  
o pastoril começou.*

*posto que*: a menção obrigada do nome do artista ficou acompanhada de muito despeito. Resende formula a reserva tosca de que Vicente copiou de Encina. Como quem diz: não foi tão bom quanto julgaram. Só que não é assim, se a memória não atraíção.

Seguem-se os outros irmãos de Breatiz. Em primeiro lugar os rapazes: Luís (n. 1506), o que teve ao nascimento a *Pregação* em Abrantes, Afonso, o *cardeal* que tem doze anos (n. 1509), Fernando, *sobre sereas* (n. 1507), Anrique (n. 1512) que ninguém sonha que virá a ser rei (1578-1580).

Com eles, três figuras com nomes próprios de pessoas vivas: o castelhano Juan de Saldaña, já antes interpelado no sermão das *Fadas*, Diogo Fernandes, o do *Cancioneiro Geral*, e Tristão da Cunha, o da armada da *Índia*.

Jupiter . *O mui precioso ifante  
dom Luís esclarecido  
irá muito triunfante  
senhor da vida galante  
em cirnes alvos sobido.  
e irá Juan de Saldaña  
no mar muito afadigado  
feito arenque d'Alemanha  
dizendo: es cosa extraña  
ser castellano y pescado.  
  
o precioso cardeal  
irá sobre homens marinhos*

*em um carro triunfal  
padre santo natural  
per mui naturais caminhos.*  
Sol . *Dom Fernando ifante belo  
fermoso bem assombrado  
irá posto em um castelo  
que será prazer de vê-lo  
sobre sereas armado.*

Lũa . *Diogo Fernandes irá  
porque é comendador  
em um peixe que i nam há  
porém dele se fará  
prazendo a nosso senhor.*

167b

Vénus . *Sobre três liões marinhos  
o ifante dom Anrique  
irá em cama d'arminhos  
brincando com dous anjinhos  
que nam é razão que fique.*

Sol . *E na sua dianteira  
Tristão da Cunha irá  
em congro da Pederneira  
bradando: aparta carreira  
tanto que enrouquecerá*

Faltam as duas irmãs: Isabel, a infanta mais velha (n. 1503) que vai ser mulher de Carlos V, e Maria (n. 1521) que nasceu há poucos meses e não deve estar presente.

*a mui preciosa senhora  
ifante dona Isabel  
irá como superiora  
estrela clara da aurora  
nũa galé sem batel*

*com seis remos de marfim  
e o céu todo por vela  
e levará a toa ali  
todo o mundo após de si  
e irá adorando a ela.*

Vénus . *E o estribeiro mor  
convertido em peixe mu  
irá por corregedor  
das baleas e senhor  
de pardeos grã peixe és tu.*

Jupiter . *Madama dona Maria  
irá sobre querubins  
nãa roupa d'alegria  
por aia santa Luzia  
e por guardas serafins.*

Lãa . *Joana do Taco no mar  
em grã centola tornada  
irá rija sem tardar  
dizendo: cumple aguijar  
que de prisa va ell'armada.*

O desfile inclui outras damas.

Jupiter . *Também é bem de ordenar  
que as damas que ficam cá  
que a vão acompanhar  
vinte légoas polo mar.*

Vénus . *Senhor muito bem será.*

167c

A fala atribuída a Jupiter na *Copilaçam* de 1562 tem saltos lógicos, que podem ser erros tipográficos:

*. O conselho que há mister  
em que figura irão  
diga aqui seu parecer  
cada um como entender  
e tomar-se-á concurusão  
  
e por ir de todo ornada  
a dama há-de levar  
cada ãa sua criada  
e que vá deferençada  
no vestido e no lugar.  
e nam digamos aqui  
nenhum nome de molher  
nem dama mas tomem d'i  
cada ãa pera si  
o que melhor lhe vier*

O discurso alinha referências individualizadas mas anónimas: *ũa*, *outra*, *outra*. Seis vezes.

A primeira referência está ainda incluída na fala de Jupiter, mas pode haver novo erro tipográfico. Seria mais previsível o alternar de vozes desde o início: *diga aqui seu parecer / cada um*.

As referências são duplas. A cada vez, o discurso individualiza uma *dama* mais uma *criada* / *moça* / *aia*, que irá a cantar:

*digo que ãa irá assentada*

*sobre três garças sobida  
como rosa ataviada  
toda de seda amorada  
pois dá namorada vida*

*irá bem sua criada  
metida nua gamela  
e a cabeça rapada  
ũa touca esfarrapada  
e ũa gorra amarela.  
e irá junto da vela  
onde o arcebispo vai  
cantará rouca singela:  
nam me quis casar meu pai  
ora folgai.*

Sol . *Sobre fermosa salvagem  
outra dama irá também  
de cremesim d'avantagem  
por alegrar a viagem  
mas nam já outrem ninguém.  
irá cantando porém  
que bem lhe parecerá:  
aque! caballero madre si me habrá  
con tanta mala vida como ha*

167d

*e a sua moça irá  
em trusquia num sendeiro  
com um sainho de liteiro  
descuberto o alvará.  
e sabeis que cantará  
lá defronte de Cascais:  
a que horas me mandais  
aos olivais.*

Vénus . *Sobre três garças reais  
irá outra linda dama  
com graças especiais  
e nam desejando mais  
senam de cruel ter fama.  
cantará com mal tamanho  
o triste seu servidor:  
nunca fue pena mayor  
ni tromento tan extraño.*

*a moça irá dianteira  
num zambuco de Cochim*

*por piloto um beleguim  
e por toldo ùa joeira.  
muito negra a cabeleira  
cantando mui de verdade:  
estes meus cabellos madre  
dos a dos me los lleva el aire.*

Lũa . *Irá outra linda estrela  
sobre carreta d'estrelas  
vestida toda amarela  
porque desesperem dela  
como das outras donzelas.  
irá mui cara e altiva  
cantar-lhe-á um desditoso:  
de vos y de mí quejoso  
de vos porque sois esquiva*

*sua moça sem mais moço  
irá c'os olhos na gente  
trosquiada muito rente  
c'os toucados ò pescoço.  
cantará com alvoroço  
e alteração consigo:  
enganado andais amigo  
comigo  
dias há que vo-lo digo.*

168a

Jupiter . *Sobre sátiros do mar  
irá outra fresca rosa  
dentro de um lindo pumar  
ouvindo as aves cantar  
vestida muito custosa.  
cantarão a esta fermosa  
a calhandra e o rousinol:  
gentil dama valerosa  
e doncella por cuyo amor  
a moça irá num alguidar  
e vestido um alquicé  
o alguidar por lavar  
e ela por pentear  
perguntando por Guiné  
cantará batendo o pé:  
sem mais mando nem mais rogo  
aqui me tendes levai-me logo.*

Sol . *Outra de grã fermosura*

*irá em nuvem de bonança  
em um brial sem custura  
a cor será verde escura  
porque dá triste esperança.  
e com esperança perdida  
cantará seu namorado:  
al dolor de mi cuidado  
y en tus manos la mi vida  
me encomiendo condenado*

*sua aia em corvos marinhos  
irá antre uns almadraques  
e nos marinhos caminhos  
fazendo a todos focinhos  
porque cospem dos seus traques.  
levará mil tarramaques  
de pez por mais alegria  
cantará c'os atabaques:  
se disserem digam alma mía.*

168b

O remate da enumeração é um plural de *damas* e *criadas*. O discurso cabe aos dois planetas de nome feminino:

Lûa . *As outras damas irão  
à mal maíça vestidas  
segundo sua tenção  
assí as cores tomarão  
diferentes e escolhidas.  
em carros d'ouro metidas  
sobre seiscentos golfinhos  
e mil sátiros marinhos  
com harpas d'ouro compridas  
tangendo polos caminhos.*

Vénus . *E irão suas criadas  
num lagar d'azeite todas  
sem crenchas descabeladas  
como salvagens pasmadas  
de tam altíssimas vodas.  
e sairão às janelas  
com senhas tochas de palha  
debrũadas amarelas  
se nam olharem par'elas  
nam lhes dará nem'igalha.*

Cabe a Jupiter dizer a geografia do cortejo. Ele vai durar até ao estreito de Gibraltar, enquanto a navegação for para Sul, com uma costa atlântica e cristã.

*. Acompanhá-la-á esta gente  
assi em cima à frol do mar  
por servir a excelente  
nova estrela d'oriente  
tornar-s'ão de Gibaltar.  
e a desposada bela  
bela e bem aventurada  
verá tudo da janela  
da nau e o mar verá a ela  
e será dele adorada.*

O Sol principia o programa da viagem pelo Mediterrâneo. A frota será precedida por um coro gigante de sereias e o Sol indica qual vai ser a cantiga:

*. Será bem que desd'o estreito  
vão em cima de baleas  
havendo à tal festa respeito  
cantando todas a oito  
cento e trinta mil sereas.  
diante do seu navio  
cantarão estas que digo:  
por el río me llevad amigo  
y llevádeme por el río.*

168c

Jupiter conyoca uma nova figura, que não estava programada nas falas anteriores. É o deus Marte, que terá de ser propício a uma navegação que, depois de Gibraltar, segue para Oriente, com uma costa moura.

*. Deos Mars que é das batalhas  
desd'o estreito adiante  
pera segurar a ifante  
que nam vá a lume de palhas  
venha aqui mui triunfante.*

*e os ventos foram chamar o planeta Mars.*

O tempo de espera é preenchido por uma seqüência musical, cantada e dançada. Vicente integra por completo no auto a cantiga que a figura do Sol tinha anunciado como canto das sereias:

*Cantaram todas estas figuras em chacota a cantiga de llevádeme por el río.*

Fora convocado o deus Marte. Quem chega é o planeta do mesmo nome: *o qual veo com seus sinos.*

Os três signos que o acompanham não formam uma triplicidade astrológica, mas produzem o seu efeito: *cancer, leo e capricórneo.*

Dos quatro Ventos que partiram a convocar Marte não há mais notícia na

*Copilaçam* de 1562. Marte e seus três *sinos* podem ser representados pelos mesmos executantes. O grupo de quatro é agora material disponível no teatro de Vicente.

É talvez no momento da entrada de Marte que mais fica à mostra a contínua indecisão no estatuto das figuras convocadas a cortes. São deuses, por efeito da primeira ficção. Mas a função e a imagem são de entidades astrológicas. No entanto, à flor da fala ressurgem a tópica ficcional das cortes em funcionamento:

*e diz Mars:*

Jupiter . *Humilho-me a vós sagrado  
Jupiter que me mandais  
eis-me aqui a vosso mandado.  
Vós sejais mui bem chegado  
a estas cortes reais  
manda el rei de Portugal  
senhor do mar oceano  
sua filha natural  
per conjunção divinal  
pelo mar meo terrano.*

Mars . *Já sei que quereis dizer  
dizeis que tem adversairos  
descansai e havei prazer  
que pera seu grã poder  
podem pouco seus contrairos.  
leva gente muito fina  
poderosa artelharia  
e a nau santa Caterina  
que vai per graça divina  
co'a proa na Alexandria*

Segue-se um elogio heróico dos cavaleiros e do reino lusitano, lembrando guerras e vitórias passadas. Há parecenças com o teor da fala de Jupiter no canto I de *Os Lusíadas*. A ficção geral e o objecto hiperbolizado são os mesmos: Portugal, deuses em reunião. O tempo e o metro são outros.

*e mais eu tenho cuidado  
deste reino lusitano  
Deos me tem dito e mandado  
que lho tenha bem guardado  
porque o quer fazer romano.  
que nas batalhas passadas  
que Castela o quis tentar  
levaram tantas pancadas  
que depois de bem levadas*

168d

*nam ousaram mais tornar  
e assi nas partes d'além  
sempre foi favorecido  
e na Índia também  
ou digam se viu alguém  
reino em fama tam luzido.  
pequeno e mui grandioso  
pouca gente e muito feito  
forte e mui vitorioso  
mui ousado e furioso  
em todo o que toma a peito*

*cavaleiros de vontade  
gente sem reboaria  
fidalgos que amam verdade  
a nenhũa adversidade  
mostram nunca covardia.  
são extremo nos amores  
amadores do seu rei  
e grandes seus servidores  
com favores sem favores  
sempre tem dereita lei*

*assi senhor que agora  
nam se trate aqui de guerra  
porque vai esta senhora  
em tal ponto e em tal hora  
que seu é o mar e a terra*

O final da fala de Marte anuncia a última figura da representação: a moura desencantada. A vinda da figura de Tais tem relação com a tópica articulatória de uma segunda fase da viagem, a que vai decorrer para oriente.

*mas deveis senhor mandar  
os planetas musicais  
ao encantado lugar  
e a poder de seu cantar  
tragam cá a moura Tais.*

Jupiter . *Pera tal caso há mister  
Diana e Vénus que cante.*

169a

É o anúncio de nova acção musical. Enquanto não começa, Marte promete que a moura vai trazer três presentes encantados. O auto, feito para celebrar bodas, vai terminar pela entrega de presentes rituais, como os autos que festejam nascimento real ou divino:

*. E a moura há-de trazer  
três cousas que vos disser  
pera do estreito avante:  
um anel seu encantado  
e um didal de condão  
e o precioso treçado  
que foi no campo tomado  
depois de morto Roldão*

*o terçado pera vencer  
o didal é tão facundo  
que tudo lhe fará trazer  
o anel pera saber  
o que se faz polo mundo.  
quantas festas maginar  
até cousas invisíveis  
todas verá polo mar  
fará os peixes cantar  
e cousas mais impossíveis*

A moura está no inferno, *encantado lugar*:

*desencantemo-la ora  
e pera mais a forçar  
hавemos-lhe de cantar  
a história desta senhora  
como vai longe a morar*

É o pretexto para a sequência musical que a figura de Jupiter já anunciou e que Marte precisa, como comentário reflexo do próprio acontecimento que se está a celebrar:

*e ficará por vitória  
polo mundo adiante  
pera sempre por sua glória  
este romance em memória  
da partida desta ifante:*

O *romance* tem letra em castelhano:

*. Niña era la ifanta  
doña Breatiz se decía  
nieta del buen rey Hernando  
el mejor rey de Castilla  
hija del rey don Manuel  
y reina doña María  
reyes de tanta bondad  
que tales dos no había*

*niña la casó su padre  
muy hermosa a maravilla  
con el duque de Saboya  
que bien le pertenecía  
señor de muchos señores  
más que rey es su valía.  
ya se parte la ifanta  
la ifanta se partía  
de la muy leal ciudad  
que Lisbona se decía  
la riqueza que llevaba  
vale toda Alejandría  
sus naves muy alterosas  
sin cuento la artellaría  
va por el mar de levante  
tal que temblaba Turquía  
con ella va el arzobispo  
señor de la cleresía  
van condes y caballeros  
de muy notable osadía  
lleva damas muy hermosas  
hijasdalgo y de valía  
Dios los lleve a salvamiento  
como su madre querría.*

169b

*Este romance cantam os planetas e sinos a quatro vozes, pera com as  
palabras dele e música desencantarem a moura Tais de seu  
encantamento, a qual entra com o terçado, e anel e didal de condão que  
Mars disse que ela tinha em seu poder.*

A figura de Tais é uma roupa, uma cor, uma linguagem reconhecíveis pelo espectador. A transcrição da fala dá lugar a muita dúvida.

*e diz:*

*. Mí no xaber que exto extar  
mí no xaber que exto xer  
mí no xaber onde andar  
Alá xaber divinar  
lo que extar Alá xaber  
Alá xaber que es aquexto  
Alá xaber y yo no  
Alá xaber máx que yo  
Alá digirme qué ex exto  
Jupiter que a mí mandar  
dox mil añox extar cantada*

169c

*agora dónde llevar  
agora otro mundo extar  
agora no saber nada  
por qué tirarme de caxa  
por qué de inferno tirarme  
de compañía de Axa  
mi hija nieta de Braxa  
reina que extar del Algarbe.*

Jupiter . *Presentai isso à senhora  
ifante e nova duquesa.*

A resposta de Tais não refere o terçado. Mas pode haver mais versos, omitidos por erro ou dificuldade tipográfica, na *Copilaçam* de 1562.

*. Gran coja mandar agora  
señora así mí morir mora  
Jupiter darbox gran empresa  
que exte dedal Alá quebir  
extar de mãy de Mahomad  
señora quanto box pedir  
el fager lugo venir  
Alá xaber exte verdad  
  
exte anel da condón  
perguntalde box a él  
y él dar a box razón  
de quantox xacretos xon  
tudo box xaber por él.*

169d

Tais entrega os presentes a Breatiz. Percebe então o leitor a proximidade entre quem representa e quem vê. Para o espectador, é dado habitual e evidente. A última fala conhecida é de Jupiter. Diz acabadas as cortes e a representação e introduz a sequência euforizante do final, que é por música e repete a cantiga que precedeu a entrada de Marte: *por el río me llevade*.

*. Amigos isto é feito  
vão-se as cortes acabando  
por seu estilo dereito  
cante-se o que no estreito  
as sereas hão-d'ir cantando.*

*Tornaram todos a cantar a modo de chacota.  
e com ela se foram e acabam as cortes.*

A acção teatral termina a festa daquela noite: *com ela acabada se acabou o serão*.

Na *Copilaçam* de 1562, o texto foi incluído no terceiro livro, o das *tragicomédias*.

Na segunda *Copilaçam* (1586), o texto é reproduzido, com duas alterações devidas a trabalho censório. O verbo *adorar* é reservado a Deus e substitui-se quando o objecto não é divino. Na descrição do cortejo, o verbo estava ligado às infantas Isabel e Breatiz: [o mundo] *irá adorando a ela, será dele adorada* [o mar]. Na nova versão lê-se: *irá mirando a ela, será dele estimada*.

O texto de *Cortes de Jupiter* e a memória possível da representação de 1521 no paço da Ribeira estão ligados de maneira fundadora à história do romantismo em Portugal.

Em 1838, Almeida Garrett escreve, ensaia e produz *Um Auto de Gil Vicente*, drama histórico em torno da partida da infanta e da representação de *Cortes*. A estreia, no Teatro da Rua dos Condes, na noite de 15 de Agosto de 1838, é o primeiro acto público do romantismo português, baliza simbólica confirmada por Alexandre Herculano, por Gomes de Amorim, pelo próprio Garrett.

A ficção mostra o auto a ser ensaiado (Actos I e II) e a fazer-se (Acto II). A representação é acidentada e incompleta: Bernardim Ribeiro, apaixonado infeliz da infanta, que tem de o abandonar pelas razões de estado e partir, executa, sem ensaio, a figura da moura Tais, para se aproximar de Breatiz, dizer outros versos e lhe meter no dedo um anel devolvido. Vicente e sua filha Paula representam Júpiter e a Providência.

É a primeira vez, depois de séculos de interrupção, que palavras compostas por Vicente são de novo ditas no teatro: grande parte dos versos de *Cortes* é incluída no texto de *Um Auto de Gil Vicente*, com recortes novos e sequência diferente da original. Garrett parece intuir que o projecto de fazer de novo representar Vicente não é trabalho fácil, que não pode haver a veleidade mecanicista de querer representar tal e qual aqueles *autos*, como se fossem peças de repertório.

Em 1935, em Londres, J. W. Baker inclui a montagem original dos fragmentos citados do texto de Vicente no volume em que edita *Um Auto de Gil Vicente* de Almeida Garrett. É um projecto editorial com bom sentido escolar.

A primeira publicação integral isolada que conheço é a que Marques Braga fez em 1937, para a Seara Nova.

Em 1972, o texto voltou a ter tratamento específico na selecção de Thomas R. Hart, *Farces and Festival Plays*, da Universidade de Oregon.

O texto que apresento é lido por um exemplar da edição fac-similada de 1928 (Lisboa: Biblioteca Nacional), em que foram integradas emendas propostas por Stephen Reckert (1963).

A transcrição é feita com uma máquina que não trabalha com os materiais e as regras da tipografia quinhentista. Tem como projecto representar a mesma realidade linguística, praticando convenções ortográficas em vigor em 1988.

Uso a letra maiúscula para indicar topónimos, antropónimos, e princípio de fala. Uso o ponto para indicar princípio e fim de fala, e corte no interior de estrofe. Verso e estrofe também pontuam.